

# Praça da República de Beja

Maria Adelaide Pinto

---

## Resumo

As obras de remodelação da Praça da Republica implicaram a abertura de valas e sapatas, bem como remeximentos superficiais de sedimentos. O acompanhamento arqueológico destes trabalhos revelou a existência de diversas estruturas ou unidades arqueológicas, que sofreram uma avaliação e consequente registo gráfico, fotográfico e topográfico, sendo posteriormente protegidas.

Foram igualmente realizadas seis sondagens preventivas, antecipando a plantação de árvores, na zona central da praça. Em termos cronológicos estamos na presença de um local com uma longa história, onde muito pouco ficou conservado. Registaram-se elementos que nos indicam a presença humana neste local, desde a Idade do Ferro até aos nossos dias. Todos os vestígios encontrados ficaram preservados sob a actual praça.

## 1. Introdução

No âmbito do programa Polis ViverBeja, realizaram-se em 2003 trabalhos de remodelação e revalorização da Praça da República em Beja. O projecto consistiu na substituição

dos pavimentos, alterações da circulação viária, plantação de novas árvores e colocação de novo equipamento urbano, afectando toda a área ocupada pela praça.

Salvaguardando eventuais impactes negativos, foram realizados pela Crivarque, Lda e dirigidos pela signatária, trabalhos de acompanhamento e sondagens arqueológicas.

Os vestígios arqueológicos identificados no decorrer do projecto, implicaram a aplicação de diferentes medidas de salvaguarda, tendo em conta a análise de cada situação. Assim o aparecimento de níveis arqueológicos no decorrer dos trabalhos de acompanhamento levou a alterações de projeto, à protecção das estruturas identificadas, a aplicação de medidas de salvaguarda pelo registo e à realização de sondagens manuais.

Com o presente artigo pretende-se descrever de forma breve os trabalhos arqueológicos desenvolvidos bem com os resultados obtidos, em campo e após tratamento de materiais.

## 2. Enquadramento

A Praça da República localiza-se na freguesia de Santiago

Maior, concelho e distrito de Beja, CMP folh.521. Edificada num dos pontos mais altos da cidade (cerca de 280m), revestiu-se desde cedo de importância considerável, correspondendo ao centro político, administrativo e comercial da cidade.

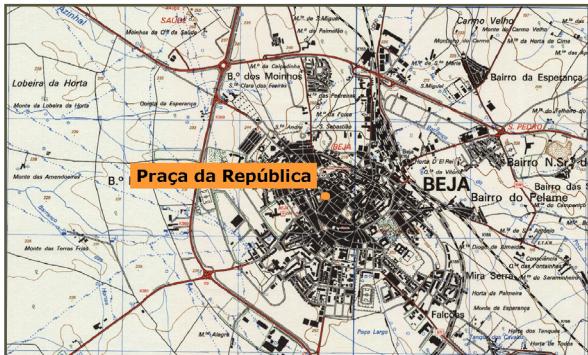


Fig.1 – Localização cartográfica de Beja. CMP folh.521.

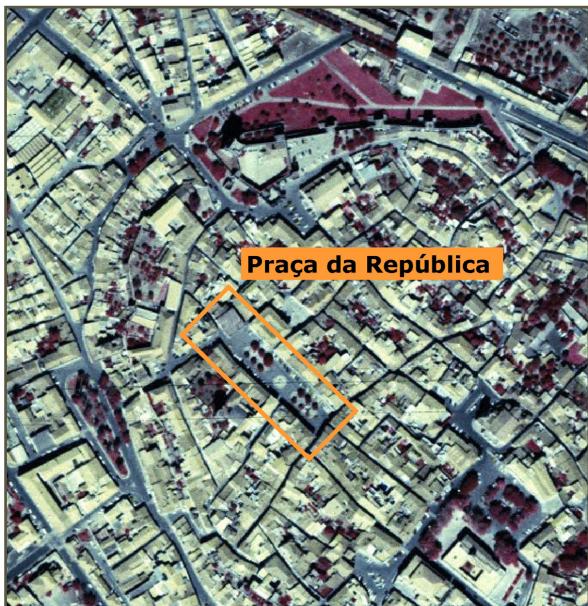


Fig.2 - Vista aérea da Praça da República.

Vai ser D. Manuel I (2.º duque de Beja), que custeia as despesas com a actual praça, que no seu tempo se chama Praça Nova, iniciando-se um momento áureo.

Dotada de um amplo terreiro, foi palco para a actividade comercial mas também para festas, touradas e outras manifestações civis e religiosas.

Desta época destacam-se alguns monumentos, que ainda podem ser observados: Igreja da Misericórdia (mandada construir pelo infante D. Luís), o Pelourinho (mandado levantar por D. Manuel) e parte da arcaria Manuelina, que em tempos ladeava toda a praça.

No entanto a história da praça recua a alguns séculos antes, sendo relevantes as referências a estruturas monumentais, identificadas como parte de um grande templo romano, existente no local do actual logradouro do Conservatório de Música (VIANA, 1947).

A praça foi, no entanto, objecto de sucessivas transformações, quer no que respeita à arquitectura, quer em relação à estrutura urbana, conhecendo-se registo das ocorridas a partir de fins do século XIX. Estas transformações revestiram-se de impacte significativo, provocando alterações no subsolo, e marcando de forma definitiva o registo arqueológico.



Fig. 3 – Praça D. Manuel I em meados do séc. XIX (A.F.B.).

Fig. 4,5 e 6 - Praça da República antes de 1920, antes de 1940, depois das obras de 1940 (A.F.B.)

### 3. Intervenções Arqueológicas

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos realizaram-se em três fases distintas, acompanhando as diferentes etapas do projecto.

Cumprindo o regulamento dos trabalhos arqueológicos, todos os vestígios arqueológicos identificados durante o acompanhamento foram convenientemente registados e sempre que possível preservados e protegidos.

Antecedendo algumas etapas da obra, efectuaram-se sondagens de minimização, com os seguintes objectivos:

- Determinar a existência e grau de conservação de contextos estratigráficos e de estruturas conservadas *in situ*;
- Integrar cronologicamente os vestígios.
- Salvaguardar pelo registo estruturas e depósitos arqueológicos;



Fig.7 – Trabalhos desenvolvidos durante a realização das sondagens manuais.



Fig.8 – Cobertura com geotêxtil da totalidade do pavimento identificado, no âmbito do acompanhamento

### 3.1. Acompanhamento e registo arqueológico

A primeira fase dos trabalhos consistiu no acompanhamento da remoção de todo o mobiliário urbano da praça, bem como do levantamento dos pavimentos existentes e consequente decapagem dos sedimentos de superfície. Será de salientar que a última tarefa foi realizada apenas onde se conservava um pavimento de calçada portuguesa, sobrelevada em cerca de 15cm (ver Fig.9, a amarelo).

Estes trabalhos realizados em superfície abrangeram a extensão total da praça (ver Fig.9), tendo sido identificadas algumas estruturas arqueológicas de carácter significativo. Preservado abaixo da referida calçada portuguesa identificou-se um pavimento de tijolo moído, argamassa e terra compactada, de época moderna e contemporânea. A super-



Fig. 9 – Planta do projecto de remodelação da praça da Republica, com implantação das principais intervenções arqueológicas realizadas.



Fig. 10- Vista da área sul da praça, após a decapagem superficial e limpeza do pavimento.

fície desta estrutura encontrava-se bastante afectada, sendo característicos pequenos orifícios, possivelmente relacionados com os arcos das feiras, que durante muitos anos aqui se realizaram.

Em algumas áreas, os cortes feitos no pavimento mostraram uma sucessão de três ou quatro níveis de pavimentos sequenciais, verificando-se uma longa ocupação do espaço. Salienta-se ainda que o primeiro nível de pavimento é constituído essencialmente por terra compactada, podendo provavelmente encontrar-se as suas origens no Terreiro de D. Manuel I.

Foram também identificadas estruturas pétreas, de diferentes cronologias, com especial incidência no quadrante SE da praça. Com características distintas encontram-se orientadas de forma paralela ou perpendicular à praça, sendo possível atribuir a algumas delas cronologia romana.

Ainda associado a algumas destas estruturas de época romana identificou-se parte de um pavimento de *Opus Signinum*, com tesselas incrustadas, de que se falará posteriormente.

Fugindo um pouco a este panorama registou-se um alicerço constituído por grandes blocos pétreos e argamassa, localizado

junto da casa dos aços, que, pela localização pode ter pertencido ao chafariz manuelino.



Fig.11 – Pormenor de um orifício, associado a colocação de arcos e postes.



Fig.12 – Sucessão de pavimentos.

Numa segunda fase foram acompanhados todos os trabalhos respeitantes à abertura de valas e caixas para colocação de infraestruturas, bem como sapatas de base a novo mobiliário urbano (ver Fig.9).

O grau de afectação destes trabalhos foi em grande medida, minimizado, não ultrapassando a profundidade de 30/50cm, na maior parte dos casos. A excepção mais notória diz respeito a algumas valas relacionadas com a colocação de cabos eléctricos, que chegaram a atingir 80cm.

De uma forma geral, qualquer afectação no subsolo implicou a ocorrência de vestígios arqueológicos, no entanto as reduzidas dimensões das valas e sapatas e a forma parcelar da sua realização, dificultaram a sua caracterização e atribuição cronológica.

Como seria de esperar tendo em conta os resultados da decapagem superficial, foi identificado um pouco por toda a área, o nível de pavimento de tijolo, argamassa e terra compactada, de época moderna e contemporânea. Foram também identificadas estruturas várias, com características distintas, tendo sido em grande parte dos casos, difícil deter-

minar a sua cronologia.

A par da identificação das estruturas foram registados níveis de entulhos, com grande quantidade de material cerâmico, sem qualquer contexto arqueológico. Recolheu-se espólio com uma cronologia bastante abrangente, desde a Idade do Ferro à época Contemporânea.



Fig.13 – Estrutura pétreia, com argamassa muito compacta, provável cronologia romana.



Fig.14 – Embasamento com grandes blocos pétreos, de cronologia indeterminada.

### 3.2. Sondagens Arqueológicas

Antecipando a abertura de covas para a plantação de novas árvores, na área central da praça, realizaram-se seis sondagens arqueológicas, com o objectivo de minimizar eventuais impactes negativos e salvaguardar pelo registo todos os níveis ou estruturas arqueológicas a identificar.

Foram assim executadas manualmente seis sondagens, de 2x2m, num total de 24m<sup>2</sup>, com uma profundidade entre 80 cm a 1m (ver Fig. 9).

Estas sondagens enquadram-se assim na 3.ª fase da intervenção arqueológica, e revelaram-se bastante importantes, principalmente no que diz respeito ao conhecimento da estratigrafia deste espaço.

De seguida, descreve-se de forma sucinta os resultados obtidos em cada uma das sondagens, quer no que diz respeito às estruturas, quer em relação aos níveis e materiais arqueológicos.

#### Sondagem 1

A escavação resultou na identificação de níveis de pavimento de tijolo, argamassa e terra compactada, de época moderna e contemporânea, sendo visíveis perturbações de épocas distintas.

Sob este pavimento escavou-se um nível de entulhos, com materiais de épocas distintas. Este nível encontrava-se a cobrir um embasamento bastante compacto, onde foi possível observar o negativo de assentamento de grandes lajes (Época Romana?). A existência de um corte de cronologia anterior à construção do pavimento, permitiu constatar a presença de afloramento rochoso abaixo do embasamento.



Fig. 15 – Sondagem 1, u.e. 4, nível de pavimento afectado por diferentes perturbações.

### Sondagem 2

A sondagem 2, revelou a presença de um nível de pavimentos, correspondente ao já descrito anteriormente, onde foi visível a existência de uma vala que perturbou os níveis arqueológicos em cerca de 50cm.

Abaixo do pavimento de tijolo, argamassa e terra compactada, registaram-se vários níveis de entulhos, com espólio de vários períodos, com preponderância para os materiais de época Islâmica.

Estes depósitos, a par de uma grande estrutura de pedra seca, com orientação E/W, com atribuição provável à Idade do Ferro, assentam num sedimento compacto de matriz argilosa, característico do processo de alteração da rocha mãe. Ainda nesta unidade foi identificada a base de uma fossa, preenchida exclusivamente com materiais Islâmicos (da qual voltaremos a falar posteriormente).



Fig. 16 – Nível argiloso [14] e estrutura de pedra seca [15].

### Sondagem 3

A intervenção nesta sondagem revelou uma grande destruição dos níveis superiores, não tendo sido identificados os já característicos níveis de pavimento. Esta destruição foi provocada por uma vala e caixa para colocação de saneamento.

Nas áreas onde foi possível escavar sedimento original, identificaram-se materiais de diferentes épocas, predominando o Islâmico nos níveis inferiores.

É de salientar a presença de duas possíveis estruturas de pedra seca, visíveis em ambos os cortes, Norte e Sul.



Fig. 17 – Plano final da sondagem 3, onde é visível uma das estruturas de pedra seca [15].

### Sondagem 4

Com a intervenção nesta sondagem foi possível perceber a existência de grandes oscilações altimétricas d subsolo rochoso, na área da praça. Abaixo de três níveis de pavimento de tijolo, argamassa e terra compactada, perfeitamente intactos, identificaram-se sucessivos níveis de entulho com materiais de época distinta. Níveis estes que assentam directamente num estrato geológico, a uma profundidade de cerca de 40, 50cm.



Fig. 18 – Perfil sul da sondagem, onde são visíveis níveis de pavimento e entulhos.

### Sondagem 5

A sondagem 5 revelou a existência de três níveis de pavimentos bastante bem conservados, que assentam sobre níveis de preenchimento, com materiais desde a Idade do Ferro ao Medieval Islâmico e Cristão. Um destes níveis de entulho permitiu a recolha de um candil completo, sem quaisquer sinais de uso.

Ao centro da sondagem e orientada E/W, encontrou-se uma estrutura de pedra seca, semi-destruída, assente num sedimento geológico, que cobre o afloramento, com provável cronologia da Idade do Ferro.

Abertas no afloramento foram registadas, de forma parcial, duas estruturas negativas, de pequenas dimensões, de época indeterminada.



Fig. 19 – Base da sondagem 5, onde é visível a estrutura de pedra seca [13] e as duas estruturas negativas [27 e 31].

### Sondagem 6

A escavação desta sondagem permitiu identificar quatro níveis de pavimento, afectados por valas em alguns locais, que cobrem níveis de sedimentos de entulho com materiais de várias épocas.

À semelhança das sondagens 4 e 5 a potência estratigráfica é aqui de cerca de 50 cm, confirmando as oscilações altimétricas. Abaixo dos níveis de entulho identificou-se parte de uma calçada, de grandes lajes, muito destruída, de época indeterminada, que assenta directamente no substrato rochoso.

Aspecto interessante foi o aparecimento de várias estruturas negativas, de pequena dimensão e pouca profundidade, escavadas no substrato.



Fig.20 – Calçada de grandes lajes [10], assente sobre o afloramento [13].

## 4. A Ocupação do Espaço

As intervenções arqueológicas permitiram recolher um elevado número de espólio cerâmico, essencialmente em contextos de entulhos. Salvo a já referida fossa de época Islâmica, não foi possível identificar qualquer outro nível arqueológico conservado.

No entanto esta recolha de materiais associada á algumas estruturas possíveis de datar, permite-nos, de uma forma geral, reconstituir a diacronia da ocupação do espaço, actualmente ocupado pela praça da República.

O espólio foi sem dúvida essencial nesta tarefa, no gráfico seguinte apresenta-se a percentagem de materiais cerâmicos recolhidos, distribuídos por épocas.

Pela análise do gráfico verifica-se que as épocas Medieval Cristã, Moderna e Contemporânea representam mais de 50% do total do espólio recolhido, facto facilmente explicável, tendo em conta a proximidade temporal.

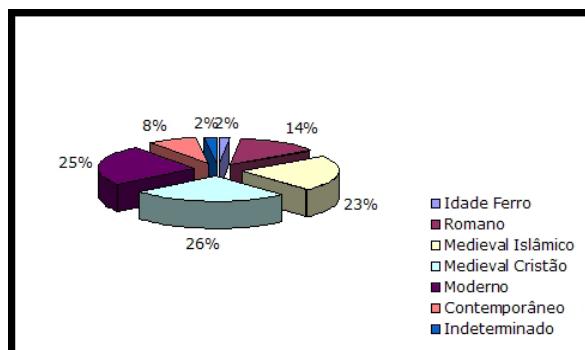


Fig. 21 – Gráfico representativo da distribuição do espólio cerâmico pelas várias épocas.

Destaca-se, no entanto a presença de um significativo conjunto de materiais Islâmicos, que nos surpreende dada a ausência de conhecimentos sobre esta época na cidade de Beja. Embora de forma mais discreta, encontra-se também representado o período Romano e a Idade do Ferro, atestando a ocupação deste espaço desde, no mínimo a II Idade do Ferro.

### 4.1. A Idade do Ferro

O aparecimento de um troço de muralha da II Idade do Ferro, associada a materiais da mesma cronologia, no sítio arqueológico da Rua do Sembrano (CORREIA, 2005), vieram comprovar a existência, na cidade de Beja, de um povoamento proto-histórico, de importância considerável, anterior à fundação da *Pax Iulia*.

Em outros locais como no Logradouro do Conservatório Regional do Baixo Alentejo e na Praça de Armas do Castelo (LOPES, 2003), foram identificados alguns materiais da II Idade do Ferro e duas estruturas de pedra seca (trechos), também atribuídas ao mesmo período.

A intervenção na Praça da República permitiu confirmar a

ocupação deste espaço na Idade Ferro, apesar da escassez do espólio recolhido e das dúvidas colocadas na interpretação de duas possíveis estruturas desta época.

Tal como já referimos na descrição dos trabalhos arqueológicos, foram identificadas duas estruturas de pedra seca, de características semelhantes, nas sondagens 2 e 5. Com uma orientação Este/Oeste, parecem corresponder a uma mesma estrutura, facto só possível de confirmar com a abertura de novas sondagens.

Constituídas por blocos dioríticos de média dimensão e formas bastante arredondadas, assentam, num sedimento argiloso, praticamente estéril, que corresponde à alteração do *parent material*. No entanto não foi possível determinar qualquer nível arqueológico conservado, não permitindo associar os materiais da Idade do Ferro às referidas estruturas. Apenas a comparação com as estruturas atribuídas à Idade do Ferro, nos sítios arqueológicos já referidos, nos permite avançar com esta hipótese.

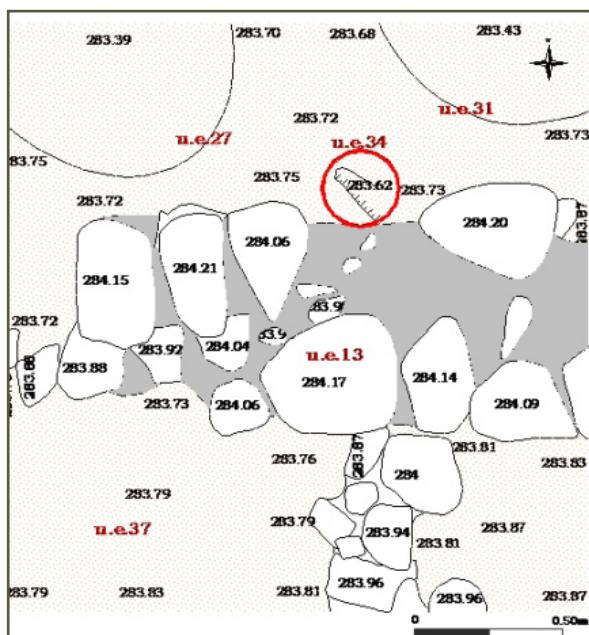


Fig.22 – Sondagem 5, topo de uma estrutura de pedra seca, atribuída à Idade do Ferro (?).

No que diz respeito ao espólio recolhido, e como já vimos anteriormente a percentagem é bastante reduzida. Nesta percentagem encontram-se incluídos todos os materiais recolhidos durante a intervenção, predominando no entanto os identificados nas sondagens arqueológicas. Deste pequeno conjunto sobressaem fragmentos relacionados com cerâmica de armazenamento: bordo de ânfora ibero – púnica, bordo e fragmento de bojo de pote, ambos com decoração estampilhada.

Ainda em relação ao espólio salienta-se a identificação na base da sondagem 5, numa pequena depressão existente no afloramento, de um conjunto de materiais cerâmicos com a mesma cronologia. Destes materiais destaca-se um fundo de tigela de verniz negro com decoração roletada.

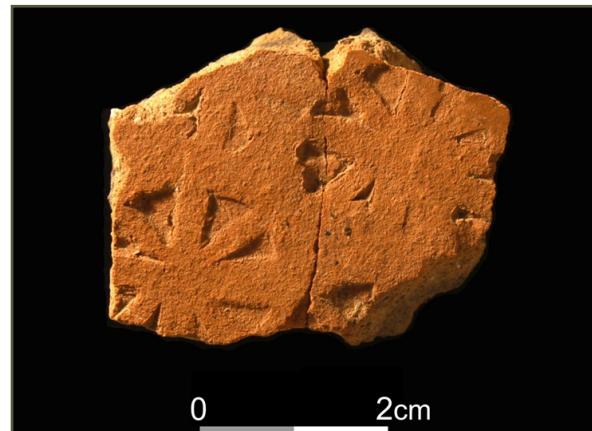


Fig.23 – Parede de pote com estampilha circular radial. Sond 5 [11]



Fig. 24 – Bordo de pote com decoração estampilhada. Limp. Sup. [2].

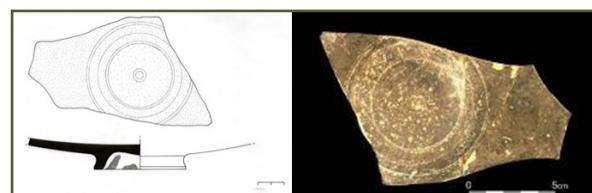


Fig.25 – Cerâmica ática: fundo de tigela de verniz negro e decoração roletada. Sond.5 [34].

A importância destes achados nesta zona da cidade, merece sem dúvida atenção, eles fornecem mais alguns elementos, no entanto, o conhecimento da ocupação pré-romana de Beja, não é ainda suficiente para a caracterizar e datar convenientemente.

## 4.2. O Período Romano

Sobre um povoado indígena, os romanos fundam no séc. I a.C., a *civitas* da *Pax Iulia*. Esta cidade, descrita como monumental, quase que desapareceu sob sucessivas ocupações. Nos anos 40 Abel Viana, identifica, nas traseiras do actual liceu, estruturas que classifica como pertencentes a um grande templo romano. Já na década de 90, novas intervenções permitem a identificação de outras estruturas monumentais. A implantação geográfica desta área associada à monumentalidade dos edifícios identificados, poderá indicar uma eventual localização do fórum neste local.

As intervenções na Praça da República trouxeram novos dados, identificaram-se estruturas, pavimentos e materiais de cronologia romana.

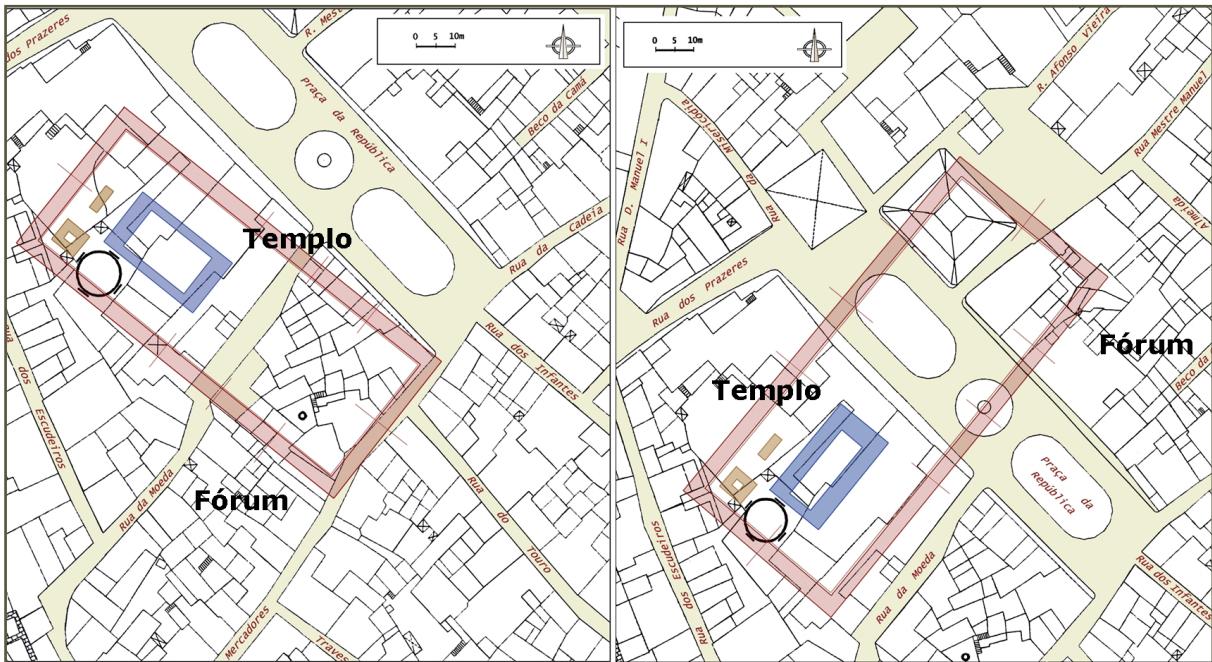


Fig.26 – Possíveis localizações do fórum romano in A cidade Romana de Beja (LOPES, 2003).



Fig.27 – Plano final da sondagem 1, onde é visível um embasamento [10], de provável cronologia romana. Pormenor do negativo da existência de grandes lajes.

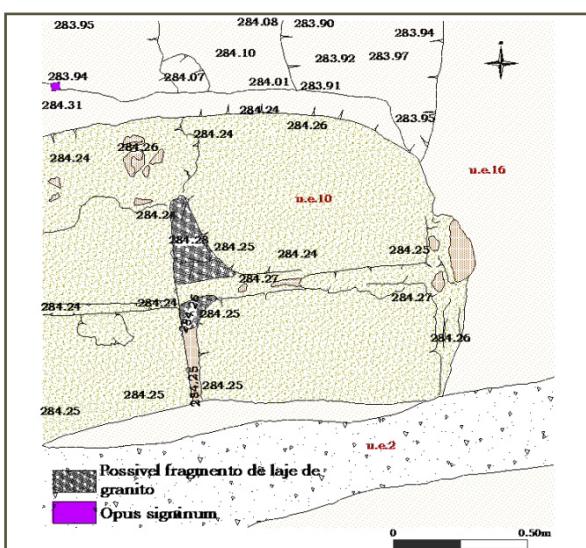


Fig.28 – Representação gráfica do mesmo plano final.

Particularmente interessante foi o aparecimento, na sondagem 1, de um forte embasamento, onde são visíveis no cimento os negativos de assentamento de grandes lajes. As características da estrutura, permitem enquadrá-la na época romana, no entanto não foi possível identificar níveis conservados. O espólio recolhido nos sedimentos que cobriam esta estrutura, encontra-se descontextualizado, sendo possível encontrar materiais desde a Idade do Ferro à época medieval.

No decorrer dos trabalhos de acompanhamento identificaram-se a escassos centímetros da superfície várias estruturas de época romana, apresentando conexão. A intervenção limitou-se à limpeza, registo e protecção.

Na Fig. 29 pode ver-se uma planta geral desta área da praça, com a localização das referidas estruturas.

Sem dúvida que uma das estruturas mais significativas é parte de pavimento de *opus signinum*, com incrustação de tesselas [u.e.6]. A tessela de cor branca, tem como matéria-prima calcário, e formam linhas diagonais. O pavimento encontra-se assente sobre um forte enrocamento de pedra de grandes dimensões, apresentando-se, infelizmente, bastante destruído. Facto de importância relevante tem haver com a associação directa do pavimento com uma estrutura pétreia [u.e.7], que descreveremos a seguir. Este pavimento revelou-se interessante, quer pela sua localização à superfície, quer pelas suas características pouco usuais, em contextos portugueses. Conhecem-se alguns exemplares semelhantes nomeadamente em Ampúrias. O uso deste tipo de pavimentos encontra-se em substituição ao *opus tessellatum*, sendo uma variante mais económica.

Para uma reconstituição o mais viável possível da estrutura, foi realizado um molde, com recurso a técnicas especializadas, bem como a recolha de amostras. Pretende-se num

futuro próximo realizar um estudo técnico que permita a publicação deste pavimento.

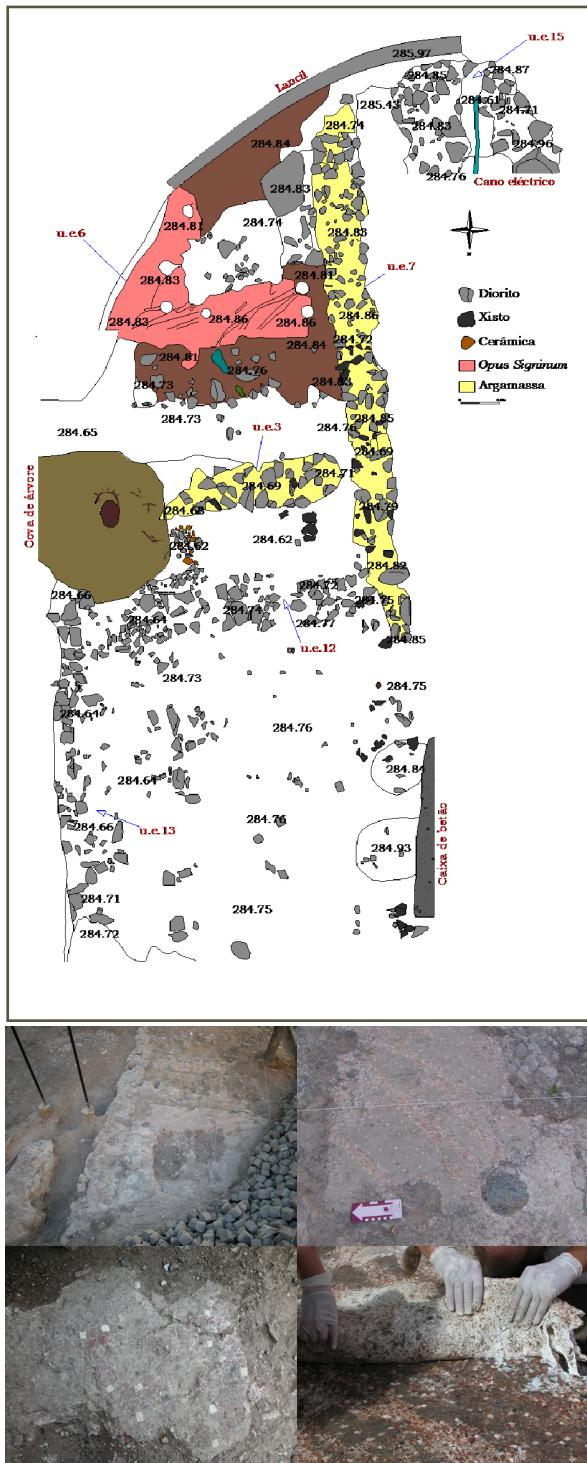


Fig. 29 – Planta das estruturas localizadas no quadrante SE da praça (ao lado).

Fig. 30 – Vista geral da mesma área (em baixo).

Fig.31 – Pavimento de Opus Signinum (em baixo).

Fig. 32 – Pormenor do pavimento, onde se vê a incrustação de tesselas (ao fundo).

Fig. 33 – Realização do molde do pavimento de opus (ao fundo).

Ainda neste contexto outras estruturas foram registadas, para qualquer uma delas não foi possível definir funcionalidade, uma vez que tal como já foi referido a intervenção nesta área limitou-se à limpeza superficial e consequente registo.

De uma forma resumida as estruturas identificadas (ver Fig.29) apresentam as seguintes características:

- Embasamento, constituído por grandes blocos pétreos de grande dimensão e argamassa muito compacta de cor cinzenta [15].
  - Estrutura pétreia, com orientação Norte/Sul, com cerca de 60cm de largura, facetada externamente [7]. Constituída por blocos pétreos de diferentes materiais primas de pequena e media dimensão e argamassa compacta à base de cal e areia de cor amarela. Encontra-se em conexão directa com pavimento de *opus signinum*.
  - Estrutura pétreia, orientada Este/Oeste, portanto perpendicular à u.e.7, sem faces definidas. A sua constituição apresenta-se bastante consistente, com elementos pétreos de grande e média dimensão e argamassa bastante compacta [3].
  - Estruturas de características bem diferentes das anteriores, com uma constituição pétreia onde predomina o xisto sem qualquer ligante. A u.e.12 apresenta uma orientação Este/Oeste, aparentando conexão com a u.e.13, que se orienta Norte/Sul. Não foi possível definir a sua relação com os restantes elementos.

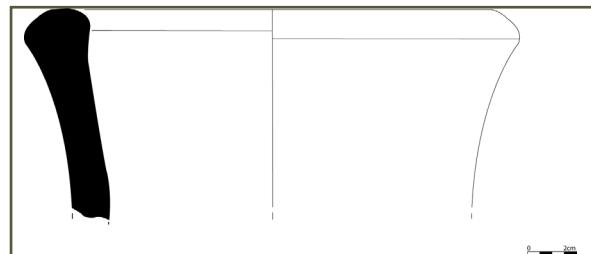


Fig.34 – Bordo de ânfora tipo Dressel 14. V.EDP, [8].

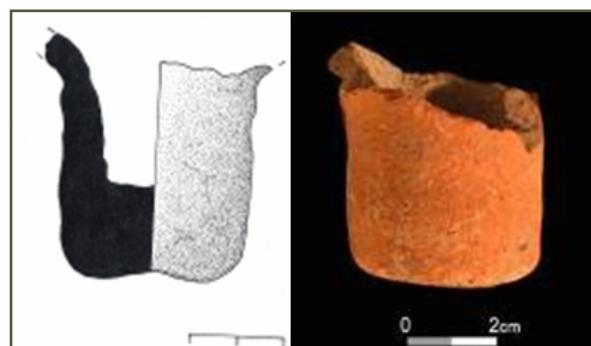


Fig. 35 – Fundo de ânfora V FDP [7]

O espólio cerâmico de época romana corresponde apenas a uma pequena percentagem, o que indica o elevado grau de destruição da área. Facto igualmente atestado pela não existência de níveis arqueológicos contextualizados. Grande parte do material foi recolhido em contexto de acompanhamento.

mento, em níveis de entulho, ou limpeza de superfície, destacando-se um bordo e um fundo de ânfora. De um modo geral o espólio encontra-se mal conservado, predominando fragmentos de pequena dimensão.

No conjunto estão representados quase todos os tipos de cerâmica, sobressaindo a cerâmica comum de armazenamento e a *sigillata* clara e sudgálica. Ainda no que respeita à cerâmica comum destaca-se um bordo de almofariz de produção bética e alguns fragmentos de cerâmica de iluminação (lucerna).

Salienta-se ainda a recolha de uma moeda de bronze, relativamente bem conservada, num nível de entulho da sondagem 5, trata-se de um Antoninianus, que pode pertencer a Valeriano II ou Claudio II.



Fig.36 – Antoninianus (Valeriano II ou Claudio II). Bronze. Sond. 5, [6].

Fig.37 – Disco de Lucerna. Sond. 3, [7].



Fig.38- Bordo de Almofariz. Sond.6, [9].

### 4.3. O Medieval Islâmico

Com o domínio árabe, Beja sofre profundas alterações, neste período poucos vestígios chegaram até nós, destacando-se apenas algumas inscrições e artefactos. Beja caracteriza-se pela quase ausência de estruturas Islâmicas conservadas, facto há muito discutido, mas que permanece indecifrável.

A intervenção na Praça da República, revelou-se surpreendente pela quantidade de espólio Islâmico recolhido, no entanto, infelizmente grande parte deste material encontra-se em níveis de entulho, sem contextualização ou associação a estruturas.

Um exemplo, bem marcado desta situação, foi o aparecimento de um candil completo, num nível de revolvimento, da sondagem 5. Este exemplar com uma cronologia atribuída aos séculos X/XI, não evidencia quaisquer sinais de uso.

Facto provavelmente relacionado com um defeito de fabrico: o espevitador em chumbo encontra-se a bloquear o canal entre o depósito e o bico.

De uma forma geral foram recolhidos materiais com esta cronologia um pouco por toda a área de intervenção, com

predominância para os níveis inferiores das sondagens, nomeadamente as sondagens 1,3 e 5.

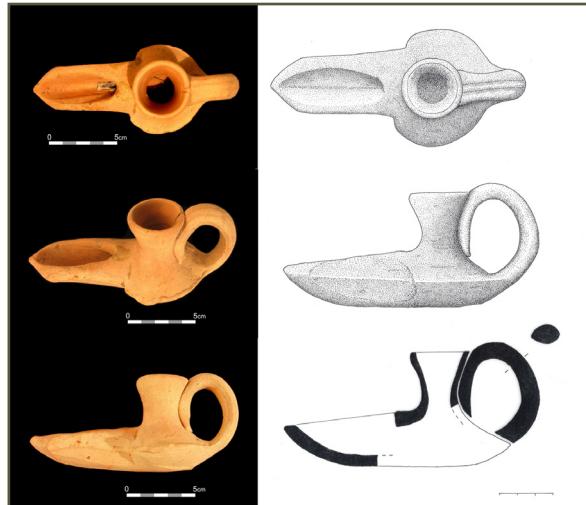


Fig.39 – Candil completo com espevitador em chumbo, bloqueado no canal entre o depósito e o bico. Sond.5 [5].

No conjunto de espólio recolhido o mais numeroso é sem dúvida o grupo de cerâmica de uso comum, com ou sem decoração, onde se destacam as panelas, as jarrinhas, as caçoilas, os alguidares, as bilhas e os cãntaros.

No que diz respeito à cerâmica vidrada, recolheu-se um significativo conjunto de vidrados melados e verdes com pintura a manganês. Este tipo de cerâmica ocorreu num período relativamente longo, entre os séculos IX e XIII.

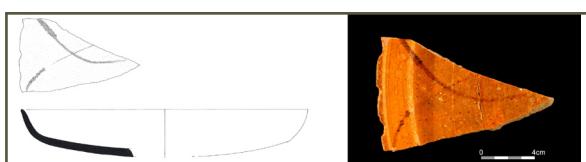


Fig.40 – Bordo de tigela com vidrado melado e pintura a manganês. Sond.3 [18].



Fig.41 – Fundo de tigela com vidrado melado e pintura a manganês. Sond. 1 [7].

Residualmente foram também identificados, dois fragmentos de corda seca total, com vidrado melado e branco e verde e branco.

Ainda, no que diz respeito ao espólio recolhido merece destaque, o aparecimento de um fragmento de talha com estampilha epigráfica, provavelmente do período Almóada. Esta estampilha recolhida na sondagem 2, encontra-se tal como outro espólio já mencionado, num nível descontextualizado.

O fragmento apresenta um módulo completo, que pode ser transcrito como at-Tawfiq, cuja tradução é “o sucesso”.



Fig.42 – Fragmento de talha com estampilha epigráfica. Período Almóada (?). Sond.2 [14].

Apesar do elevado grau de perturbação do subsolo, já referido, foi possível a identificação da base de uma fossa [u.e.19], localizada no quadrante SW da sondagem 2. Esta unidade corresponde a uma estrutura negativa, escavada num sedimento argiloso e estéril, interpretado como um horizonte de alteração do *parent material*. A estrutura de forma ovóide, encontra-se revestida com uma película de cal, e possuiu cerca de 1m de largura. No seu interior identificou-se um vasto conjunto de materiais cerâmicos, onde se destaca a cerâmica com pintura a branco.

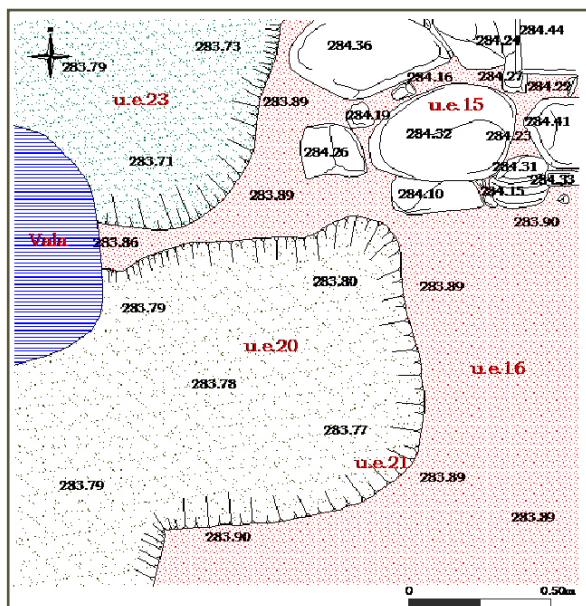


Fig. 43 – Representação gráfica do plano final da sondagem 2, onde é visível a base da estrutura negativa [19]. Pormenor do seu preenchimento com espólio Islâmico.

O contexto escavado nesta fossa, foi sem dúvida o único nível preservado, no entanto não é possível data-lo com precisão, uma vez que os materiais apresentam características que abrangem um vasto período cronológico. Destes materiais destaca-se a cerâmica com pintura em

bandas de cor branca, como é o caso de parte de um cíntaro e o bordo de uma jarrinha, ambos recolhidos na unidade 19.



Fig.44 – Registo fotográfico do preenchimento da fossa com materiais cerâmicos.

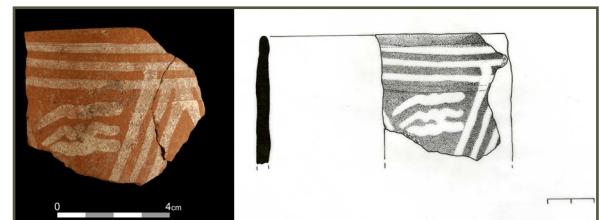


Fig. 45- Bordo de jarrinha com pintura a branco. Sond. 2 [19].

A inexistência de estruturas e níveis arqueológicos conservados, não permite reconstituir o espaço funcional da Praça da República, quer durante este período, quer nas épocas subsequentes.

Um novo período áureo só vai acontecer com D. Manuel I, que transforma a então Praça Nova ou D. Manuel I num novo espaço de poder.

## 5 Conclusões

A intervenção arqueológica na Praça da República revelou-se de extrema importância, trazendo à luz a estratigrafia de um dos locais com maior carga histórica de Beja.

### Os trabalhos permitiram:

- Verificar a pequena potência estratigráfica, muito embora sejam visíveis grandes oscilações altimétricas do substrato;
  - Constatar o elevado grau de destruição da área, sendo praticamente impossível detectar níveis arqueológicos conservados;
  - Identificar materiais da Idade do Ferro, embora em quantidade reduzida, bem como prováveis estruturas de pedra seca;
  - Identificar estruturas, pavimentos e espólio arqueológico de época romana;

- Registar uma secção de base de um grande lajeado, provavelmente associado com o *forum* ou edifício monumental;
- Identificar um pavimento de opus signinum de características ímpares, bem como estruturas suficientemente robustas, indicando a presença de edifícios monumentais;
- Observar um considerável conjunto de espólio medieval Islâmico, datável de um período entre o séc. IX a XIII.

Os trabalhos realizados limitaram-se à minimização dos impactos provocados pelas obras de remodelação, tendo ficado muitas dúvidas por esclarecer. No entanto os resultados da intervenção na Praça da República podem ser a base para futuras investigações.

## Bibliografia

ALARCÃO, Jorge de (1992) – “A cidade Romana em Portugal - A formação de lugares centrais em Portugal, da Idade do Ferro à Romanização”. *Cidades e História*. Fundação Calouste Gunbenkien.

ALARCÃO, Jorge de (1988) – *O domínio Romano em Portugal*, Publicações Europa-América.

ARRUDA, A. M. (1993) - “A Idade do Ferro do Centro/Sul de Portugal” in MEDINA, J., (Dir), *História de Portugal*, vol II, Amadora.

ARRUDA, A. M.; GUERRA, A. e FABIÃO, C., 1995, “O que é a II Idade do Ferro no Sul de Portugal?”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35 (2), (Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular), Porto.

CARDOSO, Nuno Catharino (1936) – “Pelourinho de Beja”. *Pelourinhos do Alentejo e Algarve*, Lisboa.

COELHO, A. Borges (1989) - *Portugal na Hispânia Árabe*, vol 1 – *Geografia e Cultura*, Lisboa.

COELHO, A. Borges (1989a) - *Portugal na Hispânia Árabe*, vol II – *História*, Lisboa.

CORREIA, Susana, José Carlos Oliveira (1989) – “Escavações da Rua do Sembrano: uma intervenção arqueológica na área do Centro Histórico de Beja”, *Cadernos do Centro Histórico de Beja* 2, Beja.

CORREIA, Susana, José Carlos Oliveira (1994) – “Intervenção Arqueológica na Rua do Sembrano – área urbana de Beja. Campanhas 1988 a 1990”, *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, I, Lisboa.

ESPANCA, Túlio (1992) – *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Beja*.

FERREIRA, Raul Hestnes (1984) – “Recuperação de um troço da Arcada da Praça da República em Beja”, *Arquivo de Beja*, 2.ªsérie, I, Beja.

HAUSCHILD, Th., (1992) - “El templo romano de Évora”, *Templos romanos de Hispânia*, Múrcia.

LOPES, Maria da Conceição (1996) – “O território de Pax Iulia, Limites e Caracterização”. *Arquivo de Beja*, II/III -2.ª série, Beja.

LOPES, Maria da Conceição (2003) – *A cidade romana de Beja – percursos e debates acerca da civitas de Pax Iulia*, Coimbra.

MANTAS, Vasco Gil (1996) – “Teledetectação, cidade e território:Pax Iulia”. *Arquivo de Beja*, III Série I, Beja.

MANTAS, Vasco Gil Mantas (1996) – “Em torno do problema da fundação e estatuto de Pax Iulia”. *Arquivo de Beja*, II/III -2.ª série, Beja.

MASSAPINA, Vasco (2003) – *Projecto de Requalificação da Praça da República*, Lisboa.

OLIVEIRA (coord), 1992, *Carta Geológica de Portugal, escala 1/200 000, Notícia explicativa da folha 8*, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.

PINTO, Maria Adelaide (2004) – *Praça da República* (texto elaborado para a exposição sobre o Programa BejaPolis na OviBeja), Beja.

RIBEIRO, José Silvestre (1950) – “Chafariz da Praça D. Manuel, em Beja”. *Arquivo de Beja*, VII, 1-2, Beja.

SILVA, Félix Caetano da (1792) - “História da Cidade de Beja”, *Arq. de Beja*, 5 (Manuscrito publicado por Abel Viana) = VIANA, 1948).

SILVA, Félix Caetano da, 1792, “História da Cidade de Beja”, *Arq. de Beja*, 6 (Manuscrito publicado por Abel Viana = VIANA, 1949).

VIANA, Abel (1947) – “Restos de um templo romano em Beja”, *Arquivo de Beja*, IV, 1-2, Beja.

VIANA, Abel (1965) – “Igrejas e Capelas de Beja”, *Arquivo de Beja*, XIII, 1-4, Beja.

[www.min-cultura.pt](http://www.min-cultura.pt)

[www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)

## Abreviaturas

A.F.B. – Arquivo Fotográfico de Beja

## Agradecimentos

César Neves – Desenho de Materiais

Gonçalo Lopes – Inventário do Espólio